O antigo é sinônimo de melhor?

Wilbur N. Pickering, ThM PhD

Satanás é antigo, muito antigo; isso o torna bom? Todos os idosos são bons só porque são velhos? As gerações recentes já não leem livros, mas aqueles entre nós que ainda o fazem sabem que um livro usado se desgasta. Um livro usado não pode durar 1.500 anos. O papiro é um material frágil e vulnerável que não suporta muito uso. Todos os MSS conhecidos do NT dos primeiros três séculos estão escritos em papiro (exceto dois ou três fragmentos em pergaminho). Se sobreviveram, não foram usados. Por que não foram eles usados?

Sugiro duas razões: 1) Elas foram produzidas no Egito, onde as comunidades de língua grega estavam desaparecendo; por volta do ano 200, restavam pouquíssimas, de modo que não havia ninguém para utilizá-las. 2) Eram tão ruins que seu uso era psicologicamente impossível; isso pode ser demonstrado objetivamente. As referências para tudo o que afirmarei a seguir podem ser encontradas em qualquer edição do meu livro, *Deus Preservou o Seu Texto!*

Começarei pelo P^{66}, geralmente datado de cerca de 200 d.C. e um dos manuscritos mais antigos de tamanho considerável (contém a maior parte do Evangelho de João). Esse manuscrito apresenta, em média, dois erros por versículo, o que é incrivelmente ruim. Seria psicologicamente impossível utilizá-lo para leitura devocional ou estudo. Seus erros geralmente envolvem sílabas, o que indica que o copista não conhecia o grego — pois, ao copiar um idioma que se domina, copia-se frase por frase ou, no mínimo, palavra por palavra, e nunca sílaba por sílaba. O copista não estava apto para a tarefa, como demonstra o seu trabalho descuidado.

P^{46} também é geralmente datado de cerca de 200 e contém uma quantidade significativa das cartas de Paulo. Gunther Zuntz realizou uma avaliação minuciosa desse manuscrito e escreveu: “o escriba que escreveu o papiro fez um trabalho muito ruim”. Outros estudiosos fizeram avaliações semelhantes.

A data atribuída ao P^{75} é por volta do ano 220. Ele contém a maior parte dos Evangelhos de Lucas e João. Embora não seja tão ruim quanto o P^{66}, apresenta muitos erros. O padrão dos erros indica que o copista copiou letra por letra (um procedimento ainda pior do que o do P^{66}), o que significa que ele não dominava o grego. O copista não estava apto para a tarefa, como demonstra a má qualidade do seu trabalho.

P^{45} tem sido geralmente datado de cerca de 250 d.C. Ele contém partes de todos os quatro Evangelhos e de Atos, mas é, na verdade, mais curto que o P^{66}. O copista conhecia o grego, pois, embora seu trabalho esteja repleto de alterações, quase todas elas fazem sentido. Em outras palavras, o copista

alterou o texto deliberadamente. Portanto, não se trata de uma cópia fiel; é uma cópia fabricada.

P^{47} também é geralmente datado de cerca de 250 d.C. Ele contém cerca da metade do livro de Apocalipse. Eis o que Kurt Aland escreveu sobre esse manuscrito: “Não é preciso mencionar que o manuscrito mais antigo não tem necessariamente o melhor texto. O P^{47} é, de longe, o mais antigo dos manuscritos que contêm o texto quase completo do Apocalipse, mas certamente não é o melhor”. De fato, é um dos piores.

P^{72} é geralmente datado por volta de 300 e contém 1 e 2 Pedro e Judas. Tommy Wasserman cotejou mais de 500 MSS para Judas. P^{72} é de longe o MS mais antigo que temos para Judas, mas também é de longe o pior, com mais de dois erros por verso (como P^{66}). Tem quase o dobro de erros que o segundo pior MS em Judas.

Esses são os seis maiores manuscritos em papiro dos três primeiros séculos; todos os demais são fragmentários. É objetivamente correto dizer que são antigos, mas dizer que são bons seria objetivamente falso. Mesmo assim, os críticos textuais modernos afirmam que são bons, ignorando as evidências objetivas. Esses manuscritos sobreviveram porque não foram utilizados e foram enterrados nas areias desérticas do Egito.

Algumas versões contêm notas de rodapé que fazem referência aos manuscritos “mais antigos e melhores”, termo com o qual geralmente se referem aos Códices Vaticano e Sinaítico. Passarei agora a examinar os principais códices dos séculos IV e V.

O Códice B, GA 03 (Vaticanus), é frequentemente datado de cerca de 325 d.C. Ele contém o Novo Testamento completo, exceto pelas Epístolas Pastorais e pelo Apocalipse. Westcott e Hort o consideravam o melhor de todos os manuscritos conhecidos, e muitos estudiosos posteriores concordaram com eles até os dias de hoje. No entanto, curiosamente, o próprio Hort escreveu que o escriba do Códice B “não alcançou, de forma alguma, um alto padrão de precisão”!! De fato; o manuscrito está repleto de omissões e de não poucas repetições descuidadas de palavras e frases. Ernest C. Colwell tentou construir um arquétipo do texto "alexandrino" para o primeiro capítulo de Marcos, com base na votação majoritária de manuscritos representativos. Apenas nesse único capítulo, composto por 45 versículos, o Códice B estava errado 34 vezes! Ele diverge do Códice Aleph mais de 3.000 vezes apenas nos quatro Evangelhos (número que não inclui variações ortográficas da mesma palavra). Em tais passagens, um ou outro tem de estar errado. Ele foi escrito em velino fino, muito caro, o que indica que não foi preparado para leitura pública em reuniões da igreja. Isso também é evidenciado pelo fato de ser um dos cinco

manuscritos escritos em três colunas, formato inadequado para a leitura pública. Ele não tem "filhos"; ninguém quis copiá-lo. Não pertence a nenhuma linha de transmissão; trata-se de uma cópia fabricada.

O Códice Aleph, GA 01 (Sinaiticus), é frequentemente datado de cerca de 350 d.C. Ele contém, basicamente, o Novo Testamento completo. Westcott e Hort o consideravam o segundo melhor de todos os manuscritos conhecidos. No entanto, ele é tão ruim que, ao longo dos séculos, mais de dez pessoas tentaram corrigir seus inúmeros erros. Ele diverge do Códice B, em média, em todos os versículos dos quatro Evangelhos. É o único manuscrito conhecido escrito em quatro colunas, o que significa que certamente não foi preparado para leitura pública. Não pertence a nenhuma linha de transmissão. Não possui "filhos"; ninguém quis copiá-lo. Não é uma cópia fiel de nenhum exemplar conhecido; é uma obra "fabricada".

O Códice C, GA 04 (Ephraemi Rescriptus), tem sido datado do século V. Ele contém todo o Novo Testamento, mas com lacunas. Trata-se de um palimpsesto, o que significa que o texto do Novo Testamento foi raspado do pergaminho e outra coisa foi escrito em seu lugar; ele foi "reciclado". Evidentemente, alguém considerou que o texto era tão ruim que não valia a pena preservá-lo. O manuscrito também apresenta um número "incômodo" das chamadas leituras "bizantinas", mas possui sua própria mistura de variantes. Ele não pertence a nenhuma linha de transmissão; é uma cópia fabricada.

O Códice D, GA 05 (Bezae), tem sido datado do século V. Ele contém os quatro Evangelhos e o livro de Atos. É o principal representante do chamado texto "ocidental", o que significa que difere de todos os outros. No livro de Atos, é incrivelmente ruim. Não pertence a nenhuma linha de transmissão; trata-se de uma cópia fabricada.

O Códice W, GA 032 (Freer), tem sido datado do século V. Ele contém os quatro Evangelhos. O escriba que o produziu foi bastante descuidado, para não dizer relapso. Não pertence a nenhuma linha de transmissão. Não possui "filhos"; ninguém quis copiá-lo. Não é uma cópia fiel de nenhum exemplar conhecido; é "fabricado".

Alguém poderia perguntar, com razão: "De onde os estudiosos tiraram a ideia de que esses manuscritos são bons?" A analogia de um riacho que nasce de uma nascente tem sido usada: quanto mais perto da fonte, mais pura a água deveria ser. Mas estudiosos de todas as correntes reconhecem que a maior parte da "corrupção" do texto do Novo Testamento ocorreu durante o século II, antes das datas de todos os manuscritos que descrevi. Então, como alguém

pode determinar quanta corrupção está presente nesses manuscritos? No entanto, o verdadeiro problema reside na questão da pressuposição.

A crítica textual de qualquer texto pressupõe que a redação original desse texto tenha se perdido, no sentido de que ninguém sabe qual ela poderia ter sido. Ninguém faz crítica textual do jornal de hoje ou da revista da semana passada. Ninguém a faz sequer em relação à primeira edição (1611) da KJV, visto que ainda existe um exemplar. A maioria dos estudiosos que se dedicam à crítica textual do Novo Testamento utiliza alguma forma de ecletismo, e o ecletismo baseia-se nos seguintes pressupostos: 1) os escritos do Novo Testamento não são inspirados (se o fossem, teriam sido preservados); 2) os primeiros cristãos não os reconheciam como inspirados; 3) portanto, não se preocuparam em proteger e preservar esses escritos; 4) consequentemente, a redação original perdeu-se, no sentido de que ninguém sabia ao certo qual ela poderia ter sido; 5) foi somente quando a superstição e a credulidade dos cristãos elevaram esses escritos à condição de "Escritura" (por volta de 200 d.C.) que eles começaram a se preocupar com a proteção e a preservação, mas, nessa altura, já era tarde demais; 6) portanto, não houve uma transmissão normal dos escritos do Novo Testamento até depois do século III, e não existe maneira objetiva de recuperar a redação original. Todos esses pressupostos são falsos.

Observe que o ecletismo exclui o sobrenatural de seu modelo. Na realidade, a ideia de que "o mais antigo é o melhor" constitui uma fortaleza de Satanás na mente deles. Tal fortaleza os aprisiona na falsidade e, visto que a única saída é sobrenatural, aqueles que rejeitam o sobrenatural condenam-se a permanecer com a falsidade. Já escrevi extensamente sobre esse assunto em outro lugar e não o abordarei aqui.